

“PARABÉNS, P*LANHA, TU AGORA TÁ FORMADA”: AS LIBERDADES DAS MULHERES CANTADAS EM TATI QUEBRA-BARRACO

Edu Dias da Silva¹
 Natália de Souza Duarte²
 Éderson Luís da Silveira³

Resumo: Apresenta-se, neste artigo, a relevância da musicalidade poética de Parabéns, Piranha (QUEBRA-BARRACO, 2023) considerando o estabelecimento de uma relação teórica a partir da mobilização dos conceitos de habitus (BOURDIEU, 2001; 2007), de Interseccionalidade (CRENSHAW, 2002) e de Decolonialidade (MIGNOLO, 2017), além de contribuições de hooks (2018), com o objetivo de justificar um dos possíveis arcabouços teóricos utilizados no processo e na necessidade de estudar as sobreposições entre raça e gênero para compreender determinadas formas de discriminação da mulher preta periférica. Busca-se, também, destacar o papel do funk carioca, enquanto música popular brasileira, possibilitando a interlocução de saberes, via estímulo do direito à diversidade cultural. Metodologicamente, trata-se de um texto qualitativo e exploratório, cujas problematizações resultam de um levantamento bibliográfico e documental. Dessa forma, verificou-se que o protagonismo dado às mulheres pretas periféricas em Parabéns, Piranha, além de promover o empoderamento e o entendimento acerca de suas realidades, pode se articular ao contexto mais amplo que engloba a conquista de novas propostas sociais ligadas aos diversos campos da atividade humana, construídos em torno das interações sociais para além das periferias.

Palavras-chave: Tati Quebra-Barraco. Parabéns, Piranha. Mulher preta periférica. Fun carioca. Musicalidade.

“CONGRATULATIONS, B*TICH, YOU'VE GRADUATED NOW”: THE FREEDOMS OF WOMEN SINGED IN TATI QUEBRA-BARRACO

Abstract: In this paper, we present the relevance of the poetic musicality of Parabéns, Piranha (QUEBRA-BARRACO, 2023) around the concept of habitus (BOURDIEU, 2001; 2007), intersectionality (CRENSHAW, 2002) and Decoloniality (MIGNOLO, 2017), in addition to some contributions from hooks (2018), with the aim of justifying one of the possible theoretical frameworks used in the process and the need to study the overlap between race and gender in order to properly understand certain forms of discrimination against peripheral black women. We also seek to highlight the role of funk carioca, enabling the interlocution of knowledge, promoting the right to cultural diversity. Methodologically, it is a qualitative and exploratory text, based on a bibliographical and documental survey. In this way, it was verified that the protagonism given to peripheral black women in Parabéns Piranha, in addition to promoting empowerment and understanding of their realities, it can enable the achievement of new social proposals linked to the various fields of human activity, built around the social interactions beyond the peripheries.

Keywords: Tati Quebra-Barraco. Parabéns, Piranha. Peripheral black woman. Carioca funk. Musicality.

¹ Pessoa Trans (Travesti) com doutorado em Literatura, mestrado em Linguística Aplicada e mestranda em Políticas Públicas para Infância e Juventude (PPGPPIJ/CEAM) pela Universidade de Brasília (UnB). Licenciada em Letras (Português, Inglês e Francês) e em Pedagogia. Professora na Educação Básica da Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal (SEEDF). Pesquisadora nos grupos GIEL/CNPq e MULTI/CNPq. E-mail: edu_france2004@yahoo.fr Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-2555-6657>

² Graduação em Educação Física pela FDBEF e em Pedagogia pela Universidade de Brasília (UnB), mestrado em Educação pela UnB, doutorado e pós-doc em Política Social pela UnB. Professora aposentada da SEEDF. Diretora da ANPAE/DF. Integrante do Fórum Distrital de Educação e do Fórum Nacional pela Redução da Desigualdade Social. Professora colaboradora do CEAM/UnB e co-líder do grupo TEDis/UnB e pesquisadora do NEPPPOS/UnB. E-mail: nataliasduarte@gmail.com Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-4761-6537>

³ Professor Adjunto Efetivo da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS/PR); Doutor e Mestre em Linguística pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Vice- Líder do Grupo de Pesquisa Michel Foucault e os Estudos Discursivos (UFAM/CNPq). E-mail: ediliteratus@gmail.com Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-8483-4656>

INTRODUÇÃO

Na compreensão e na popularização das tecnologias e das Artes, de um modo geral, tem-se apresentado, no bojo destas áreas, novos conceitos de cultura e de informação, situados, também no âmbito da substituição de velhos dogmas que já vinham sendo discutidos no final do século XX e nas primeiras décadas do século XXI, sinalizando mudanças sistemáticas que têm acontecido em velocidade crescente, segundo apontado por Pennycook (2006) e Silva (2017a; 2018; 2020), conforme pretende-se mostrar ao longo desse trabalho. Para tal finalidade, elegeu-se a mulher, preta, *funkeira*, periférica, mãe, avó, cantora e compositora Tati Quebra-Barraco como fonte de inspiração, além de suas letras poético-musicais. Portanto, de acordo com Silva e Duarte (2024),

A luta das mulheres contra as discriminações e desigualdades econômicas, trabalhistas, políticas e sociais impostas, historicamente, tem cada vez mais polarizado os movimentos sociais no sentido da garantia dos direitos e proteção à vida com dignidade para todas as mulheres. Os movimentos feministas impactaram nossa sociabilidade alcançando conquistas como a Lei Maria da Penha e a recente tipificação do crime de (trans)femicídio. Entretanto, contraditoriamente se aprofunda a cultura machista patriarcal e crescem os eventos de violência contra as mulheres e atingem de forma mais brutal e avassaladora mulheres pobres, pretas, indígenas, periféricas, lésbicas, bissexuais e travestigêneres (travestis e pessoas trans) (2024, p. 91).

Ademais, no caso de ser mobilizado, neste texto, o termo poético-musical, está se referindo a uma instância em que se coadunam e interseccionam a poesia e a música. Obviamente, não se está referindo a um conceito ortodoxo de poesia, derivado de uma escansão de versos associada a fórmulas estanques como o soneto, por exemplo, mas à utilização de versos livres associada à mobilização de uma “cor local”, para se falar de uma realidade presente, em tom de denúncia das mazelas da sociedade. Portanto,

sem delinear fronteiras rígidas, a estrutura deste artigo é [resultado de] uma rede de autores e autoras e teorias que se entrecruzam nos grandes temas da criticidade em perspectiva interseccional e decolonial com as diversas linguagens da atualidade. Por isso, o pensamento crítico é uma proposição do ser e estar no mundo, sendo passível de ser modificado, bastando apenas vontade dos entes para o fazer (Silva; Dering, 2023, p. 86, acréscimos dos autores).

Sendo assim, mobiliza-se, também, o termo interseccionalidade neste artigo, termo cunhado pela autora estadunidense Kimberlé Crenshaw (2002), que diz respeito à necessidade de estudar as sobreposições entre raça e gênero para compreender adequadamente certas formas de discriminação que as teorias até então não tratavam bem e indo além, entendemos a interseccionalidade (ou teoria interseccional) como sendo o estudo da sobreposição ou da

intersecção de identidades sociais e sistemas relacionados de opressão, dominação e/ou discriminação, segundo Silva e Dering (2023).

Nessa esteira de problematizações, Silveira (2020; 2022) acentua que o sistema capitalista naturaliza a opressão e seu funcionamento faz com que tal naturalização recaia sobre grupos determinados de indivíduos, como no caso das mulheres pretas. Portanto, este autor coaduna com a perspectiva do Materialismo Histórico Crítico (MHD⁴) que compreende a absoluta necessidade dos aportes críticos da decolonialidade e interseccionalidades anticapitalistas, mas também compreendemos que a colonialidade/colonização foi acumulação primitiva do capitalismo.

Vale destacar que Crenshaw (2002) cunhou o termo no ano de 1989, ao perceber que ocorre uma intersecção entre identidades sociais singulares, o que resulta em modos específicos de vislumbrar a discriminação social. Inicialmente, a advogada estadunidense utilizou o conceito para analisar como a justiça inclui questões de discriminação de raça e de gênero no âmbito das decisões legais. No referido contexto, ela situa que as leis costumam ignorar a discriminação baseada no sistema de gênero e raça que algumas mulheres costumam sofrer, isso porque, para ela, gênero e raça são considerados como fatores isolados e não interseccionados.

Então, ela analisou o caso da *General Motors*, de 1976, quando cinco mulheres negras processaram a empresa, ao alegar que a instituição estaria contratando somente homens e mulheres brancos, o que configurava uma prática discriminatória. A Justiça alegou, na ocasião, que não havia discriminação, já que mulheres estavam sendo contratadas e, também, que não havia racismo, já que homens negros também estariam sendo admitidos.

Aliada à interseccionalidade como forma de compreensão desse sistema de abusos de gênero, a presente reflexão crítica aborda essa problemática pela opção decolonial, pois entende-se que a visão restrita e unilateral sobre os corpos e saberes das mulheres pretas periféricas advém do pressuposto da (pós-)modernidade (tardia)/colonialidade (Mignolo, 2017).

⁴ *O materialismo histórico dialético* (MHD) é um paradigma de conhecimento construído a partir da necessidade de superação das contradições e desigualdades sociais promovidas pelo modo de produção capitalista, no qual as desigualdades passaram a ser analisadas a partir da cognoscibilidade, da dialética, da história e do trabalho como criador. Sendo assim, a realidade humana passou a ser analisada por uma filosofia do real, do mutável, feita por e sobre sujeitos históricos. Para Cheptulin (2004) e Neto *et al.* (2010) o materialismo histórico dialético estuda as formas gerais do ser histórico, os aspectos e os laços gerais da realidade e as leis de reflexo desta última na consciência da humanidade.

Destarte, trazer essa temática é compreender que, como afirma hooks (2018, p. 25), “feministas são formadas, não se nasce uma mulher/pessoa feminista”. Isso ocorre pois o padrão para manutenção da (pós-)modernidade (tardia)/colonialidade envolve subjetivações dos saberes, corpos e exclusão do lugar de fala.

Dessa forma, a mulher preta periférica, muitas vezes, enfrenta uma realidade única, marcada por uma série de desafios e de disparidades sociais. Isso porque essas mulheres vivem em comunidades periféricas ou em áreas urbanas marginalizadas, onde as condições socioeconômicas costumam ser precárias e o acesso a serviços básicos pode ser limitado.

Diante de tal cenário, apesar de enfrentarem desafios significativos, as mulheres pretas periféricas são frequentemente agentes de mudança em suas comunidades. Elas são resilientes e encontram maneiras criativas de se apoiar mutuamente, desenvolvendo redes de suporte e solidariedade. Sendo assim, temos Tatiana dos Santos Lourenço, vulgo Tati Quebra-Barraco, nascida no Rio de Janeiro, em 1979. Nos textos divulgados em domínio público até então, não há muitas informações sobre sua infância, mas uma informação especial a respeito de seu passado é constantemente lembrada: ela foi criada e vive na Cidade de Deus, comunidade (favela) na zona Oeste do Rio de Janeiro. Ademais, Tati é mãe de três filhos e avó de uma neta.

Para além disso, Tati Quebra-Barraco é, também, cantora e compositora de funk⁵ carioca conhecida por suas letras poético-musicais que abordam temas como sexualidade, empoderamento feminino e violência urbana. Por meio da mobilização desse estilo musical, ela começou a carreira artística aos 16 anos, como *backing vocal* de outros *MCs*. É importante destacar que o funk carioca, como um gênero musical, é influenciado pela realidade social e cultural do Brasil, e suas letras podem refletir as experiências e perspectivas de diferentes grupos sociais.

Ademais, Tati Quebra-Barraco ficou conhecida nacionalmente nos anos 2000, com o lançamento do álbum "Só as Cachorras". O disco trazia músicas como "Boladona", "Sou feia mas tô na moda" e "Dako é bom", que se tornaram *hits* nas rádios e nas pistas de dança de todo

⁵ De acordo com Gomes (2016) e Oliveira (2019), apesar de ser considerada, hoje, uma manifestação cultural brasileira, sobretudo carioca, o *funk* iniciou sua história em território estrangeiro. Nos Estados Unidos, é conhecido frequentemente por influenciar a maioria das expressões musicais ao redor do mundo. A forma como ele se apresenta hoje nos bailes e festas cariocas e brasileiras é resultado de uma transformação originada na cidade do Rio de Janeiro, mas a sua base cultural tem origem na música negra estadunidense. Dessa forma, é preciso primeiro entender o que ocorreu nos Estados Unidos para compreender o que o *funk* se tornou no Brasil. Para mais informações, vide as pesquisas de Oliveira (2019), Gomes (2016) e Vianna (1988), entre outras.

o Brasil, na época. Sobre a sonoridade do álbum, pode-se mencionar que este misturava o funk carioca com elementos do *hip hop*, do *reggae* e do pop.

Desde então, Tati Quebra-Barraco lançou mais quatro álbuns: "Tá que tá" (2002), "Se liberta, solta o frango" (2006), "A fila anda" (2010) e "Só vem!" (2019), sendo que seu lançamento mais recente é "Parabéns, Piranha" (2023), que é objeto de análise deste artigo, tendo como base teórica as ideias de *habitus* – também conhecido como capital cultural incorporado – que foi desenvolvido pelo sociólogo francês Pierre Bourdieu (2001; 2007) com o objetivo de pôr fim à antinomia indivíduo/sociedade dentro da sociologia estruturalista, além das ideias de interseccionalidade de Crenshaw (2002), de contribuições de bell hooks (2018) e de decolonialidade em Mignolo (2017).

Além disso, em todas as suas letras poético-musicais, Tati Quebra-Barraco mantém a postura de provocação e irreverência que a tornaram famosa, mas também mostra uma evolução musical e temática. Além da carreira musical, Tati Quebra-Barraco também é conhecida por sua atuação como militante feminista preta e aliada do movimento *LGBTQIAPN*⁶+, de tal forma que ela já participou de diversas campanhas contra a mitigação da violência doméstica e das *LGBTQIAPN*+fobias, e, por isso, acabou sendo alvo de ataques machistas, classistas, misóginos, racistas e *LGBTQIAPN*+fóbicos em suas redes sociais.

Contudo, é fundamental reconhecer que a apreciação e a análise de obras musicais, incluindo *Parabéns, Piranha* (Quebra-Barraco, 2023), podem ser subjetivas e variar de pessoa para pessoa. Logo, a compreensão e a interpretação das mensagens transmitidas pelas letras poético-musicais podem depender de diferentes contextos e perspectivas culturais.

PARABÉNS, PPP (POBRE, PRETA, PIRANHA)!

Tati Quebra-Barraco é uma das principais representantes do funk carioca e uma voz importante na luta por direitos das mulheres pretas periféricas e da comunidade *LGBTQIAPN*+. Logo, suas letras poético-musicais e sua postura provocativa e irreverente têm inspirado muitas pessoas e contribuído para a construção de uma sociedade mais igualitária e justa.

⁶*LGBTQIAPN*+ é uma sigla que abrange pessoas que são Lésbicas, Gays, Bissexuais, Trans (Transexuais, Transgêneros e Travestis), *Queers*/Questionandos, Intersexos, Assexuais/Arromânticas/Agênero, Pan/Poli, Não-binárias e mais. Segundo Brasil (2021), o movimento, ao longo dos anos busca dar visibilidade para incluir pessoas das mais diversas orientações sexuais e identidades de gênero. Por isso, a sigla cresce a cada ano, assim como espera-se que cresça o entendimento e o respeito, pois o objetivo é informar e esclarecer acerca não apenas dos significados em cada letra da sigla, mas proporcionar entendimento e inclusão, afinal, por trás de cada letra existem pessoas, histórias, identidades.

Das favelas (comunidades) para o mundo, do morro para redes sociais, do funk entretenimento para o pop politizado e engajado, Tati Quebra-Barraco pode ser pensada como uma pessoa cosmopolita no que diz respeito à definição de globalização contra-hegemônica de Sousa Santos (2002), na qual há a valorização da cultura local com ancoragem em elementos e tendências globais. Dessa forma, transmuta-se o global com aspectos locais, por vezes antagônicos, para, com isso, mostrar uma visão combatida e, ao mesmo tempo, indignada. É importante pensar a partir desse viés, pois, de acordo com Lana (2014),

há pouco mais de cem anos não seria possível que mulheres se tornassem pessoas conhecidas e significativas para os coletivos sociais. Os homens, durante muitos séculos, ocuparam o protagonismo das narrativas históricas tradicionais, ganhando nomes e convertendo-se em referências principais das culturas ocidentais (Lana, 2014, p. 181).

Portanto, ainda de acordo com autora, a moral da igualdade/equidade, experimentada em práticas sociais, econômicas, políticas e culturais diversas, possibilita que novos indivíduos ganhem nome e fama, entre eles, as mulheres pretas periféricas, e por vezes, pela liberdade sexual que expressam e praticam, putas/piranhas. Por conseguinte, pode-se afirmar que as inúmeras mudanças trazidas pela modernidade, a nova maneira de configurar os espaços públicos foi a mais fundamental para a expansão do renome feminino (Lana, 2014).

Dessa forma, para além do ato de ser mulher ou ser homem, de acordo com Veiga e Pedro (2015) e Silva (2020), o conceito de gênero, no sentido político que se conhece na atualidade, surgiu com força na segunda metade dos anos 1980, tendo sido construído coletivamente e de modo desafiador, por meio da colaboração de algumas teóricas do feminismo, que percebiam a vulnerabilidade dos termos *mulher* ou *mulheres*, ao trazerem em seu bojo uma força de legitimação apoiada no corpo biológico desses sujeitos. Portanto, a mobilização do conceito de gênero buscaria, então, dar conta de relações socialmente constituídas, que partem da contraposição e do questionamento dos convencionados gêneros feminino e masculino, suas variações e hierarquização social.

Ainda seguindo o pensamento das autoras, o termo gênero emergiu desde o início sob rasura e tensão, com as reivindicações intrínsecas ao início dos anos 1980 sobre questões envolvendo raça, etnia, classe e outras possíveis intersecções sociais e econômicas. Sendo assim, o gênero mostra-se ainda útil como categoria de análise, passando por adaptações em meio às necessidades de cada grupo que a reivindica, incluindo pesquisadoras e pesquisadores

da linguagem, que buscam situar sua trajetória teórica e política, constituída e reelaborada ao longo das últimas quatro décadas.

Diante disso, Tati Quebra-Barraco e suas letras poético-musicais são sujeitos frutos de uma sociedade, que, de acordo com alguns pensadores, estão inseridos em uma sociedade líquida (Bauman, 2009) ou pós-moderna (Lyotard, 2011) ou em um processo de modernidade tardia (Giddens, 2002) cujos os elementos estão fragmentados/diluídos, deixando simplesmente de existir, sendo necessário recorrer a fragmentos, fatos ou pedaços da história para dar sentido à materialidade do sujeito na interação social mediada pela linguagem, de acordo com Silva (2017b).

Nesse ínterim, pode-se afirmar que a modernidade líquida/tardia/pós-moderna é a época atual em que se vive. Trata-se, portanto, do conjunto de relações e instituições, além de sua lógica de operações, que se impõe e que dão base para a contemporaneidade. É, também, uma época de liquidez, de fluidez, de volatilidade, de incertezas e inseguranças. Além disso, é nesta época que toda rigidez, certeza e todos os referenciais morais da época anterior, denominada pelos autores como Bauman (2009), Lyotard (2011) e Giddens (2002) como modernidade de outrora, são retiradas de cena para dar espaço à lógica do agora, do consumo, do gozo e da artificialidade.

Na busca da (in)completude dos termos ou denominações supracitadas que tentam definir ou que procuram explicar o atual quadro social no qual se insere Tati Quebra-Barraco e suas letras poético-musicais, já é de se pensar que outros tantos termos serão e são também difíceis de conceituar, mostrando a polissemia e a descentralidade das pesquisas sociais e literárias atuais,

e nesse processo de comunicação, a possível mensagem veiculada giraria em torno da afirmação da pessoa negra pelo que ela é. E isso vai além de suas características físicas, fenotípicas e biológicas. A construção da identidade [...] é uma construção interdiscursiva e multicultural. A identidade é uma construção social e política (Almeida, 2015, p. 101).

Tal perspectiva resulta, desse modo, em ricas contribuições para a compreensão ou para a tentativa de compreensão do mundo em que pessoas como Tati Quebra-Barraco vivem e das relações humanas nelas inseridas, buscando “ter voz, então, é primordial para subverter a ordem onde os estereótipos constituem o controle social. Dar voz à menina negra [Tati Quebra-Barraco] contribui para a diminuição da negação e invisibilidade na literatura em geral”,

segundo Almeida (2015, p. 116, acréscimos das autoras), do mesmo modo como dar voz para artistas contemporâneas como Tati Quebra-Barraco.

Nesse sentido, negar a representatividade de Tati Quebra-Barraco não somente como funkeira, mas também como pensadora preta, poetisa e mulher periférica traz consigo a ideia de que o conhecimento não alcança a todos. No entanto, é preciso reiterar, nesse contexto de problematizações, que o ser humano se desenvolve por meio de interações sociais para, com isso, garantir a evolução de si e do coletivo. Além disso, pode-se reportar às contribuições do texto intitulado *Science is imbedded in the scientific community* (2013), em que há a ideia de que os conhecimentos são colaborativos, com diferentes pessoas trazendo sua expertise para fomentar diferentes suportes e aspectos acerca do problema pesquisado.

Portanto, as letras poético-musicais de Tati Quebra-Barraco devem dar voz a essas mulheres e suas experiências, destacando suas lutas, conquistas e aspirações. Nesse sentido, é fundamental analisar os fatores que contribuem para a marginalização e, ao mesmo tempo, examinar iniciativas e políticas que possam ser implementadas para promover a inclusão e a melhoria das condições de vida dessas mulheres.

PARABÉNS, PIRANHA, VOCÊ AGORA SERÁ LEMBRADA

Para adentrar o universo da letra poético-musical de *Parabéns, Piranha* (Quebra-Barraco, 2023), além de considerações acerca da própria autora/compositora – conforme apresentado anteriormente –, será mobilizado o conceito de *habitus* de Pierre Bourdieu (2001; 2007) que é um conceito central em sua sociologia, sendo uma disposição duradoura e incorporada que as pessoas adquirem por meio de suas experiências sociais e culturais. Tal conceito é formado por práticas cotidianas, valores, crenças e padrões de comportamento que são internalizados e moldam as percepções e ações dos indivíduos. No caso de Tati Quebra-Barraco, tais instâncias estão relacionadas a elementos como liberdade de ser preta, periférica, mulher livre.

A noção de *habitus*, portanto, é expressa como sendo

[...] sistemas de disposições duráveis, estruturas estruturadas predispostas a funcionar como estruturas estruturantes, quer dizer, enquanto princípio de geração e de estruturação de práticas e de representações que podem ser objetivamente “reguladas” e “regulares” sem que, por isso, sejam o produto da obediência a regras, objetivamente adaptadas a seu objetivo sem supor a visada consciente dos fins e o domínio expresso das operações necessárias para atingi-las e, por serem tudo isso, coletivamente orquestradas sem ser o produto da ação combinadas de um maestro (Bourdieu, 2007, p. XLI).

Entende-se que *habitus* é uma matriz cultural que predispõe os indivíduos a fazerem suas escolhas. Embora controversa, acredita-se que a teoria do *habitus* habilita a pensar o processo de constituição das identidades sociais no mundo contemporâneo. Segundo Bourdieu (2001; 2007), o *habitus* é adquirido através da socialização e da experiência, e é influenciado pelo contexto social e cultural em que se desenvolve. Por conseguinte, o *habitus* é uma espécie de "senso prático" que orienta as ações e percepções dos indivíduos, tornando-as adequadas às expectativas e normas do seu meio social. Ele influencia a forma como os indivíduos percebem e interpretam o mundo ao seu redor, bem como as suas escolhas e decisões. Em outras palavras, o *habitus* é uma espécie de "programa mental" que guia o comportamento humano em diferentes situações sociais.

Para Bourdieu (2001; 2007), trata-se de um conceito fundamental para entender a dinâmica social e a reprodução das desigualdades sociais. Ele argumenta que as pessoas que compartilham um *habitus* semelhante tendem a se agrupar em classes sociais e a reproduzir as relações de poder que existem na sociedade. Ao mesmo tempo, o *habitus* pode ser modificado e transformado através da experiência e da prática, o que permite que os indivíduos possam transcender as limitações impostas pelas estruturas sociais e culturais em que estão inseridos. Dessa forma, apresenta-se, abaixo, a letra poético-musical de *Parabéns, Piranha* (Quebra-Barraco, 2023), não só, como um relato/uma denúncia, mas, também, com ideiação, relacionada ao ato de sobrepor as diversas barreiras encontradas por mulheres pretas periféricas.

Seja uma piranha, mas não esqueça do estudo
 Seja uma piranha formada
 Parabéns, Piranha!
 Tu agora tá formada
 Parabéns, Piranha
 Tu agora tá formada
 Continue estudando
 Mas não esqueça “da sentada”
 Estudar é bom
 E se formar também
 Piranha inteligente não quer guerra com ninguém
 Piranha formada com o diploma na mão
 Piranhas doutoradas farão revolução
 Todo evento que rolou
 Ela mostrou habilidade
 Puta experiência nas festas da faculdade (Quebra-Barraco, 2023, s/p).

Inicialmente, tem-se como ponto de partida a própria cantora/compositora Tati Quebra-Barraco porque ela traz, em seu nome, a proclamação da liberdade sexual e comportamental:

“Quebra-Barraco”, pois é uma gíria, criada nos meios populares, para designar mulheres consideradas “boas de cama”, que gostam de fazer sexo e não possuem vergonha de falar sobre o assunto, ou seja, que são *piranhas*. Segundo bel hooks (2018), é preciso atentar-nos para as situações efetivas de opressão e de silenciamento das mulheres pretas, sobretudo no que diz respeito à alusão de existência de um coletivo de mulheres.

Levando essa consideração para a análise em questão, pode-se mencionar, ainda, que há uma hierarquia da marginalização das mulheres, que sobrepõe as mulheres brancas às mulheres pretas. Isso porque, ainda, a marginalização das mulheres brancas é colocada “em evidência” com mais frequência que a mesma situação quando esta diz respeito às mulheres negras. Note-se, por exemplo, o caso analisado por Crenshaw (2002) em relação à *General Motors*, pois devido ao fato de que mulheres brancas estavam sendo contratadas e homens negros também, a Justiça constatou que não havia discriminação. Por meio desse exemplo pode ser notado como a mulher negra passa a ser pensada culturalmente como duplamente subalternizada: por ser mulher (hierarquicamente inferior em relação às mulheres brancas) e por ser negra (hierarquicamente inferior aos homens negros).

Se olharmos para a espécie do peixe que tem aparição no universo da fauna nacional, piranha é um termo indígena utilizado para se referir a peixes fluviais que devoram por meio de uma mordida perigosa seu alimento. A associação no senso comum de mulher que tem muitos parceiros sexuais com o referido animal se deve ao fato de que o peixe em questão morde com voracidade sem selecionar o que vai devorar, desde que esteja sangrando. Mulher piranha, portanto, é uma mulher que não tem critério e que “devora” sem selecionar, daí a alusão ao termo piranha. No entanto, quando as mulheres utilizam o termo apropriando-o para si, elas subvertem seu sentido.

Nesse sentido, Piranha não é somente associada ao ato de devorar homens, mas, também, a uma característica que torna tais mulheres assim denominadas insaciáveis e indomáveis. O que assusta um mundo patriarcal e machista é a existência de mulheres que não podem ser domesticadas, portanto. Some-se a isso o fato de que mulheres pretas eram punidas com estupro no período escravocrata brasileiro sendo que, além de serem exploradas fisicamente, eram, também, usadas para satisfação dos senhores de escravos.

Não é à toa que, com a alcunha *Quebra-Barraco*, a cantora se apresenta como uma mulher desinibida, não esquecendo “da sentada”, que proclama sua liberdade sexual e comportamental, vide em suas letras poético-musicais, o que subverte esse papel de submissão da mulher. Desse modo, conforme mencionado anteriormente, o *habitus* pode ser modificado e

transformado através da experiência e da prática, o que permite que os indivíduos possam transcender as limitações impostas pelas estruturas sociais e culturais em que estão inseridos. Incorporar para si o uso de uma expressão pejorativa faz com que se altere o habitus culturalmente estabelecido, o que faz com que mulheres marginalizadas tomem para si de empréstimo um termo que marginaliza para que esse mesmo termo seja fonte de emancipação: piranha é indomável e é exatamente essa característica que as mulheres abdicam para si.

Ademais, a erotização, como recurso de visibilidade de si, caracteriza a representação do corpo feminino na mídia contemporânea, especialmente no Brasil, que compõe os temas das musicalidades de Tati Quebra-Barraco, porém traz à baila outras temáticas como equidade de gêneros (*Tu agora tá formada [...] Continue estudando [...] Estudar é bom*) como sendo um caminho para superar as barreiras de boas oportunidades de colocação profissional, para além do ato de ser dona de casa. Isso porque, embora “formada”, a mulher não pode parar de estudar para alcançar objetivos maiores e melhores: “*Seja uma piranha, mas não esqueça do estudo*” (Quebra-Barraco, 2023, s/p).

Nesse sentido, não esquecer do estudo não é mero detalhe, pois, entendemos que para pessoas invisibilizadas, oprimidas e violadas em seus direitos, estudar e ser doutora é um potente ato de resistência libertário, simbólico e disruptivo, considerando-se que as mulheres pretas ocupam vagas precarizadas de emprego no Brasil e tem menores taxas de permanência no ambiente escolar. Tendo em vista que nos centros urbanos, por mais neoliberal que seja, os ambientes escolares são precarizados mas existem. Considera-se, na análise dos direitos, que seja a política social mais presente e mais acessível aos grupos violados. Nesse sentido, mesmo com imensos desafios, a questão da política educacional, atualmente, é para além da precarização e intensificação do trabalho docente, permanência/evasão (na educação básica e no ensino superior) e sucesso escolar nas diferentes etapas/níveis de ensino.

Isso porque, no Brasil, 21% das mulheres pretas são funcionárias do lar e somente 23% têm a carteira assinada, por exemplo – em relação a 12,5%, que são mulheres brancas nas mesmas condições, sendo que, entre as mulheres brancas, 30% têm a carteira assinada (IPEA, 2004). Silveira (2012) vai afirmar, nesse sentido, que é preciso considerar o conceito de diferença cultural, porque a diferença é o que caracteriza grupos sociais específicos em relação a outros em uma teia complexa de significações: é o caso das mulheres pretas.

Nesse contexto, estudar continua sendo um dos fatores que levam à mobilidade social e econômica, pois, o ambiente escolar é espaço comunitário formal/institucional de maior resistência, talvez o último na racionalidade neoliberal neoconservadora. Por isso tanta

opressão, controle e imposições. Mas seguimos resistindo. A educação positiva direitos e possibilita, concretamente, a convivência de existências, exigindo o reconhecimento e valorização de todas as diversidades e de enxergar e pensar as nossas contradições. Mas isso não quer dizer que, na prática, essa relação seja direta. Isso porque há muitos desempregados e, mesmo entre sujeitos empregados, a disparidade salarial entre homens e mulheres é gritante.

Segundo o IBGE (2019), por exemplo, mulheres recebem setenta por cento do salário dos homens e, nos cargos mais altos, a tendência é aumentar essa disparidade. Além disso, em cargos de maiores rendimentos, como diretores e gerentes, mulheres chegam a receber até 60% do salário dos homens que ocupam a mesma função. Por isso a análise das relações de gênero não pode estar isolada das condições socioeconômicas, pois as mulheres pretas sofrem ainda mais, por causa da discriminação, das duplas jornadas de trabalho pela responsabilidade no cuidado familiar e, ainda, violências e feminicídios.

Além disso, a mulher preta esteve atrelada historicamente ao trabalho de funcionária do lar (visto que o termo “empregada doméstica⁷” alude ao fato de que ela é uma propriedade domesticada dos patrões). Ela também foi vista como “mulata”, uma forma de hiper sensualizar e explorar sexualmente por meio da reprodução do imaginário sobre seu corpo e seu modo de agir a fim de satisfazer os desejos dos homens. O turismo e o carnaval reforçam esse estereótipo, advindo de um velho ditado racista: “branca para casar, mulata para fornicar e preta para trabalhar”. Por isso, durante a escrita deste texto, foi utilizado o termo “mulher preta”, porque é essa categoria, associada ao fato de que quanto mais escura for a cor da pele, mais marginalizações o sujeito sofre, que é usada no sentido de subverter a situação em que esta se encontra: o lugar da mulher preta é onde ela quiser. No entanto, não podem ser ignoradas as questões sociais, culturais e econômicas que caracterizam a vida das mulheres pretas brasileiras. Daí a importância de músicas como esta.

Sueli Carneiro (2003, p. 132), em um texto no qual estabelece reflexões acerca das lutas das mulheres pretas no âmbito do movimento feminista nacional, menciona que é necessário “colocar em questão a perspectiva feminista clássica fundada numa concepção universalista de mulher, que tem o seu paradigma na mulher branca ocidental, o que obscurece a percepção das

⁷ Não há a intenção de desqualificar as trabalhadoras que reivindicam seus direitos e subjetividades dentro da resignificação do termo *empregada doméstica*, pois, na política de cuidados, há escritos muito da força desse movimento e dessas trabalhadoras, vide pesquisas de Dias e Almeida (2021), dentre outras.

múltiplas contradições intragênero e entre gêneros que a racialidade aporta”. Diante disso, tem-se, também, na música em questão, a aceitação da diversidade humana e a desconstrução simbólica e material das desigualdades sociais (*Piranha formada com o diploma na mão [...] Piranhas doutoradas farão revolução*). As letras abordam o sexo sem pudor, criando a imagem de uma mulher livre (Piranha estudada) para experimentar o prazer. Dessa forma, a tematização do sexo e o uso estratégico do corpo compõem a sua liberdade, pois “piranhas doutoradas farão a revolução” e *Piranha inteligente não quer guerra com ninguém* (Quebra-Barraco, 2023, s/p).

CONSIDERAÇÕES (NADA) FINAIS

Não gostar de *funk* ou das letras poético-musicais de Tati Quebra-Barraco não nega a sua relevância e o seu (re)conhecimento como pensadora e conhecedora de sua realidade. Tal música exerce uma função social e educacional no que diz respeito à difusão e à globalização social e democrática do conhecimento, por meio da defesa de uma educação ampla, participativa, contínua e plural, a partir de suas musicalidades e poesias. Apesar disso, é recorrente associar Tati Quebra-Barraco ao entretenimento, fato inegável, mas aqui se ressalta que suas letras poético-musicais podem ser usadas como recurso de criticidade, a fim de buscar nelas elementos para compreensão da sociedade brasileira atual.

O importante é não esquecer que a missão de Tati Quebra-Barraco não é solucionar o problema das mulheres pretas periféricas que sofrem violências e desigualdades, mas que suas músicas contribuem no sentido de dar visibilidade à realidade das mulheres pretas, sobretudo no que diz respeito à busca do acesso aos meios para que elas encontrem suas próprias soluções em meio às mazelas sociais e econômicas nas quais se encontram. Obviamente que, pensada de modo isolado, sua música não faz isso sozinha, o que não diminui a importância da atuação de suas músicas na formação de agentes defensores dos Direitos Humanos, pelo contrário! Aceitar os limites ajuda a entender melhor a importância de uma escuta de qualidade, evita a frustração e permite ver a enorme diferença que pequenos gestos podem produzir. Mesmo dentro desses limites, as letras poético-musicais de Tati Quebra-Barraco podem ajudar a transformar muitas vidas.

Contudo, as musicalidades, quando denunciam as desigualdades e a ideologia de uma classe violada em seus direitos, por si só, convocam reflexões elaboradas que constroem alternativas para mudança de realidades, nas áreas sociais, político-governamentais, educacionais, com o intuito de melhor guiar as discussões que podem surgir.

Ao falar sobre a necessidade de haver uma equidade de gêneros, de aceitação da diversidade humana e desconstrução de desigualdades sociais, temáticas retratadas em suas letras poético-musicais, Tati Quebra-Barraco apresenta-se como conhecedora do seu tempo, com milhares de fãs em suas redes sociais, demonstrando o alcance de seu trabalho e a propagação do conhecimento gerado enquanto pensadora e militante, revelando, desse modo, um importante papel social na promulgação e aceitação da diversidade humana por todos e todas.

Portanto, parafraseando Rubens Alves, conhecimento que não decifra a vida e não ilumina o mundo não é conhecimento. É enganação. Assim sendo, é importante para combater a desigualdade, a discriminação e para compreender verdadeiramente a história e a cultura brasileiras. Desta forma, reverberando Silva e Souza-Dias (2017), Sousa, Oliveira Paiva e Silva (2019) e Silva e Dering (2023), pretendemos, assim, acumular forças para a formação de uma sociedade justa, igualitária e fraterna, livre de toda forma de preconceito, discriminação e opressão, independentemente da cultura, religião, raça e etnia, gênero e orientação sexual.

Em suma, ouvir, analisar e problematizar elementos presentes em *Parabéns, Piranha você agora será lembrada!* são ações que podem resultar em uma oportunidade singular para ampliar a compreensão sobre as desigualdades enfrentadas por essas mulheres pretas periféricas, a fim de incentivar a busca de soluções que garantam o respeito, a dignidade e a igualdade/equidade de oportunidades para as mulheres, considerando, portanto, seu contexto socioeconômico. Considera-se, ainda, que as mulheres pretas constituam uma categoria singular, e podem ser pensadas como um novo sujeito político, que merece uma agenda específica que considere sua identidade e as variáveis de gênero, raça e de classe, “colocando novos e mais complexos desafios para realização da equidade de gênero e raça em nossa sociedade” (Carneiro, 2003, p. 132).

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Dalva Martins de. **A Menina Negra diante do espelho**. 125f. Dissertação (Mestrado em Literatura). POSLIT/UnB. Brasília, 2015. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/18852> Acesso em: 29 abr. 2023

BAUMAN, Zygmunt. **Vida líquida**. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. Trad. Sérgio Miceli *et al.* 5 ed. São Paulo: Perspectiva, 2007.

BORDIEU, Pierre. O Poder simbólico. Trad. Fernando Tomaz. São Paulo: Bertrand Brasil, 2001

- BRASIL. Governo Federal. UFSC Diversificada. **LGBTQIAPN+**: mais do que letras, pessoas. [Online], 2021. Disponível em: <https://diversifica.ufsc.br/2021/06/25/lgbtqiapn-mais-do-que-letras-pessoas/> Acesso em 29 abr. 2023.
- CARNEIRO, Sueli. Mulheres em movimento. **Estudos Avançados**, v. 17, n. 49, p. 117-132, 2003. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/eav/article/view/9948> Acesso em: 01 nov. 2023.
- CHEPTULIN, Alexandre. **Dialética Materialista**. Editora Alfa-ômega, 2004.
- CRENSHAW, Kimberlé. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da Discriminação racial relativos ao gênero. Trad. Liane Schneider. **Estudos Feministas**, Ano 10, 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/mbTpP4SFXPnJZ397j8fSBQQ/?lang=pt&format=pdf> Acesso em 29 jul. 2023.
- DIAS, Luciana de Oliveira; ALMEIDA, Lyzyê Inácio. Eu empregada doméstica: heranças, resistências e enfrentamentos das trabalhadoras domésticas no Brasil. **TESSITURAS** Revista de Antropologia e Arqueologia, v. 9 n. 1, jan-jun. 2021, Pelotas, RS. Disponível em: <https://revistas.ufpel.edu.br/index.php/tessituras/article/view/1089/887> Acesso em: 25 ago. 2023.
- GIDDENS, Anthony. **As consequências da modernidade**. Trad. Raul Fiker. São Paulo: UNESP, 2002.
- GOMES, Gabriella de Azevedo. **Beijinho no ombro**: uma análise sobre Valesca Popozuda e sua ascensão na mídia. 76f. Monografia (Graduação em Comunicação Social/Jornalismo). UFRJ/ECO, Rio de Janeiro, 2016. Disponível em: <http://zonadigital.pacc.ufrj.br/wp-content/uploads/2014/02/Monografia-Gabriella-de-Azevedo-Gomes-FINAL.pdf> Acesso em: 19 abr. 2023.
- hooks, Bell. **O feminismo é para todo mundo**. Trad. Ana Luiza Libânio. Ed. Rosa dos Tempos, 2018.
- LANA, Lígia Campos de Cerqueira. As contradições da fama da periferia: a celebração de Tati Quebra-Barraco. In: FRANÇA, Vera; FILHO FREIRE, João; LANA, Lígia Campos de Cerqueira; SIMÕES, Paula. (Org.). **Celebridades no século XXI**: transformações no estatuto da fama. Porto Alegre: Sulina, 2014, p. 181-205.
- LYOTARD, Jean-François. **A condição pós-moderna**. Trad. Ricardo Corrêa Barbosa. Rio de Janeiro: José Olympo, 2011.
- MIGNOLO, Walter D. Colonialidade: o lado mais escuro da modernidade. Trad. Marco Oliveira. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**. v. 32, n. 94, 2017, p. 1-18. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/rbcsoc/v32n94/0102-6909-rbcsoc3294022017.pdf> Acesso: 29 jul. 2023.
- NETO, Gabriel Paes; OLIVEIRA, Victor Manoel de; MOTA, Joselene F.; FRANÇA, Ne Ferreira. Materialismo Histórico Dialético como referência para a educação física crítica. **Anais... 3^o CONCENO**, Castanhal e Belém, 2010. Disponível em: <http://congressos.cbce.org.br/index.php/3conceno/3conceno/paper/viewFile/3952/2219> Acesso em: 25 ago. 2024.
- OLIVEIRA, Cleber José. **A poesia ao rés do chão**: rap e crítica social na tradição literária popular brasileira. 220f. Tese (Doutorado em Literatura). IL/PósLIT/UnB, Brasília, 2019. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/37755> Acesso em: 29 jul. 2023.
- PENNYCOOK, Alastair. Uma Linguística Aplicada Transgressiva. Trad. Luiz Paulo da Moita Lopes. In: MOITA LOPES, Luiz Paulo da (Org.). **Por uma Linguística Aplicada Indisciplinar**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006. p. 67- 84.

- QUEBRA-BARRACO, Tati. **Parabéns, Piranha**. EP. Letras de DJ Batata e Tati Quebra-Barraco. Interpréte Tati Quebra-Barraco: Rio de Janeiro, 2023. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=QjK9lpBHRro> Acesso em: 25 ago. 2024.
- SEM AUTOR. **Science is imbedded in the scientific community**. [S/l.], 2013. Disponível em: http://undsci.berkeley.edu/lessons/pdfs/what_is_science_p7.pdf Acesso em: 8 mai. 2023.
- SILVA, Edu Dias da. Bicha Preta Linn da Quebrada: literária, cosmopolita e social. In: SILVA, Edu Dias da (Org.) **Literatura e identidade cultural**. Rio de Janeiro: Eulim, 2017a.
- SILVA, Edu Dias da. **Atuação teatral e o ensino de língua estrangeira**. Jundiaí: Paco Editorial, 2017b.
- SILVA, Edu Dias da. Valesca para além de ser Popozuda, pensadora contemporânea. In: FUCHS, Claudia; SCHWENGBER, Ivan Luís; SCHÜTZ, Jenerton Arlan. (Org). **Educação em debate: cercanias da pesquisa**. São Leopoldo: Oikos, 2018.
- SILVA, Edu Dias da. **No jardim das leituras: similitudes e diferenças entre o lido e o vivido pelas formadoras de leitores do Distrito Federal – o caso da Pós-Graduação em Literatura na Universidade de Brasília**. 140f. Tese (Doutorado em Literatura). IL/PósLIT/UnB, Brasília, 2020. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/40755> Acesso em: 26 jul. 2023.
- SOUSA, Joana Paula Silva; OLIVEIRA PAIVA, Francisco de; SILVA, Edu Dias da. Multimodalidade da resistência negra: uma análise visual crítica da materialidade discursiva em memes digitais. **Revista Diálogos**, v. 7, n. 3, out-dez, 2019. Disponível em: <https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/revdia/article/view/8275> Acesso em: 07 jul. 2024.
- SOUSA SANTOS, Boaventura de (Org.). **A Globalização e as Ciências Sociais**. São Paulo: Cortez, 2002.
- SILVA, Edu Dias da; SOUZA-DIAS, Romar. Letramento racial mediado pela literatura infantojuvenil na educação básica. **Revista InterteXto**, Uberaba, v. 10 n. 2 p. 1-18, 2017. Disponível em: <http://seer.ufmt.edu.br/revistaeletronica/index.php/intertexto/article/view/2424/2748> Acesso em: 07 jul. 2024.
- SILVA, Edu Dias da; DERING, Renato de Oliveira. O ambiente escolar e o enfrentamento às violências contra as mulheres. **Missões: Revista de Ciências Humanas e Sociais**, v. 9, n. 1, p. 82-98, 8 jul. 2023. Disponível em: <https://periodicos.unipampa.edu.br/index.php/Missoes/article/view/114074/32406> Acesso em 29 jul. 2023.
- SILVA, Edu Dias da; DERING, Renato de Oliveira. Meninas maluquinhas, sim, porém atuantes: práticas de leitura literária para o ensino fundamental. **Revista Água Viva**, [S. l.], v. 8, n. 2, 2024. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/aguaviva/article/view/55096> Acesso em: 25 ago. 2024.
- SILVA, Edu Dias da; DUARTE, Natália de Souza. Quem tem medo do transfeminismo? Desaquecendo o debate – notas iniciais. In: PETROT, Paulo Petronílio; DUARTE, Natália de Souza. (Org.). **Diversidade social e perspectiva interseccional nas políticas públicas**. Goiânia: Alta Performance, 2024.
- SILVEIRA, Éderson Luís. Corpos silenciados em busca de identidade: Espelhos que refletem a falta. **PRACS: Revista Eletrônica de Humanidades do Curso de Ciências Sociais da UNIFAP**, v. 5, p. 29-40, 2012. Disponível em: <https://periodicos.unifap.br/index.php/pracs/article/view/557> Acesso em: 01 nov. 2023.
- SILVEIRA, Éderson Luís. Notas sobre Foucault, a necropolítica e a indignidade de falar pelos outros In: OLIVEIRA, Grassinete C. de Albuquerque (Org.). **Decolonialidade: pontos e contrapontos na educação linguística crítica**. Campinas: Pontes, 2022. p. 171-198.

SILVEIRA, Éderson Luís. Quanto vale um escravo hoje? notas sobre a vulnerabilidade (des) fiscalizada e (a tentativa de) o controle dos discursos na contemporaneidade. In: BRAGA, Joaquim; FERNANDES, Rafael; TASSO, Ismara. (Org.). **Michel Foucault e os discursos do corpo**. Campinas: Pontes, 2020. p. 131-139.

VEIGA, Ana Maria; PEDRO, Joana Maria. Gênero. In: COLLING, Ana Maria; TEDESCHI, Losandro Antônio (Orgs.). **Dicionário crítico de gênero**. Dourados: Editora da UFGD, 2015.

VIANNA, Hermano. **O mundo funk carioca**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988.

Recebido: 27 de novembro de 2024

Aceito: 20 de dezembro de 2024

195